

Romance de atmosfera densa e opressiva, *Mil corações solitários*, de Hugo Almeida, fecha suas personagens em círculos estreitos, quer no sentido físico quer no sentido moral, para tirar partido dos atritos e desgastes a que se submetem. À medida que seu jogo se transforma em luta para escapar da pesada carga ambiente, pejada de imposições e limitações, desdobram-se os caracteres e as decepções. As personagens parecem estar paralisadas nestes diminutos espaços onde se consomem, vendo fenecer aspirações e desejos profundos, a empurrá-las para um processo de violentação que acaba por atingi-las e marcá-las dolorosamente, esfacelando-as e amesquinhando-as.

Compelida a casar, por imposição do pai, com pessoa que mal conhece, sem possibilidades de estabelecer com ele qualquer forma de convívio, a personagem Níobe encontra num modo solitário de "correspondência" com a mãe, até depois de ela morrer, um jeito de contar os fatos que marcam sua vida, após o absurdo daquele casamento. Convivendo com espesso silêncio, afastada da família e de seu ambiente, longe de conhecidos e amigos, ela deixa desdobrar-se sua personalidade em cartas, ao mesmo tempo angustiosas e saborosas pelo tom coloquial da linguagem, pela densidade poética, que logram captar a simpatia do leitor e pô-lo em sintonia com as desventuras vividas. Na verdade, mais que diálogo, as cartas constituem um longo monólogo com seu mundo imaginário. Independente de resposta, ela desfia perplexidades e expectativas, medos e incertezas, encontrando no monólogo forma de defender-se da solidão e do silêncio, a que foi reduzida, até ao ponto em que o exemplo dos filhos lhe entremosttram saídas plausíveis. Esta longa caminhada em busca de solidariedade traduz a brutal necessidade de convívio e talvez constitua o traço mais forte do romance, exatamente por ser anseio potencial que, sem chegar à concretização, cria um amargo sabor de frustração.

Contrapondo-se ao estilo liberto das cartas, retomado quando a narrativa se faz em primeira pessoa, aparecem os textos da *Corografia brasileira* de Aires do Casal, ilustrando ao mesmo tempo a tradição e os recursos dos homens e das regiões de Minas Gerais, onde se definem as regras da-

quele convívio e os aspectos físicos e morais que balizam o comportamento das personagens. Estilo terso, de sabor arcaico, leva a narrativa a enclausurar-se na dimensão de um tempo que teima em prolongar-se, espelhando valores e padrões morais que afogam as personagens em seu ranço e preconceitos. Sem forças para buscar a liberdade, sem energia para a ação solidária, as personagens se isolam e estiolam, concretizando aquela metáfora do fechamento de que falamos, depois de percorrer os caminhos sem conseguir cruzar-se com ninguém, a ponto de reproduzir no comportamento a solidão e o isolamento, que os marcam de forma definitiva. Desta sorte, a multiplicidade de perspectivas, facultada pela variação do foco narrativo, permite um enriquecimento notável do romance, que materializa no ato de escrever o ato individual e a ausência de solidariedade.

É preciso acrescentar ainda a presença de uma linguagem amadurecida e forte, a boa capacidade de efabulação, que dão a esperança de que Hugo Almeida tenha mais alguma para nos oferecer.

José Carlos Garbuglio